

"Por muito tempo na história "anônimo" era uma mulher."

virgínia woolf

As mina na história

Por Bia Varanis

"O 'ofício do historiador' é um ofício de homens que escrevem a história no masculino. (...) Econômica, a história ignora a mulher improdutiva. Social, ela privilegia as classes e negligencia os sexos. Cultura ou 'mental', ela fala do Homem em geral. Célebres – piedosas ou escandalosas –, as mulheres alimentam as crônicas da 'pequena' história, meras coadjuvantes da História. (...) Quantitativamente escasso, o texto feminino é estritamente especificado: livros de cozinha, manuais de pedagogia, contos recreativos ou morais. Trabalhadora ou ociosa, doente, manifestante, a mulher é observada e descrita pelo homem."

- Os excluídos da História: operários, prisioneiros e mulheres, da historiadora Michelle Perrot

"As Mina na História" começou com um perfil no Twitter, em junho de 2015. Eu estava terminando o Ensino Médio, carregava comigo uma dor e uma tristeza por cursar mais uma vez o terceiro ano. Me sentia burra e incapaz. Toda essa pressão colocada em cima da gente, que data nossas conquistas. O meu maior medo era não estar na faculdade com a "idade certa". Enfim, eu estava quase completando 18 anos quando participei da Olimpíada de História do Brasil, da Unicamp. Isso me levou a uma imersão na História e também aumentou a minha paixão pela área. Fiquei pensando durante muito tempo de que forma poderia juntar a História em um projeto no qual eu realmente acreditasse e que fosse capaz de mudar o mundo (corações utópicos que acreditam que amar e mudar as coisas é o mais importante). Então, de uma foto da Maria Bonita em meio às questões da Olimpíada, veio um questionamento que me acompanhou por um tempo: como eu nunca tinha ouvido falar da Maria Bonita na escola? Quais outras mulheres eu conheci nos livros didáticos? Me lembrei de algumas tratadas como "esposas de um cara muito importante", mas me sobravam dedos para contar quando tentava pensar em nomes.

O nome "As Mina na História" veio dessa junção com o feminismo. Este movimento que me salvou e que é tudo o que sou. "As mina" já era uma expressão muito usada pelas feministas: quem nunca ouviu um "respeita as mina"? A ideia também era de ser algo informal, que acessasse diversas faixas etárias.

Eu não tinha nenhum contato com a teoria feminista sem ser a da internet, das canções do punk *riot grrrl* ou da vivência machista e patriarcal que sempre me cercou. Quem cresceu no interior entende muito bem todas as [o]pressões que carregamos no corpo, na pele e no próprio nome. Eu sou uma mulher gorda, eu fui uma adolescente gorda. E esse corpo dissidente foi sempre colocado no lugar do silêncio. Sempre fui lida como "não feminina o bastante", fazendo dietas malucas com 12 anos de idade,

usando casacos mesmo no calor para esconder todas as dobras. Preterida, excluída e apagada. E não falo isso como "vítima", mas como foram as circunstâncias reais da minha vida, que refletem muito no que eu tenho de vergonha e timidez hoje. Falar em público, falar na sala de aula, é sempre um desafio. Começar a estudar a história das mulheres foi começar a conhecer a minha própria biografia.

Sem embasamento teórico, sem conhecer outras mulheres historiadoras que já fazem esse trabalho de resgate da história das mulheres, foi assim que esse projeto começou. Ele começou fora de um sistema acadêmico, fora de um "grande centro de conhecimento", fora dos meios intelectuais e dentro de um sistema de mídia "periférico", que, até certo ponto, democratiza as informações (mesmo sabendo que muita gente não tem acesso à internet e o quão caro isso é se for depender de dados móveis).

Nas redes sociais, a gente faz circular a nossa história. Fora de um tempo mercadológico, fora de um tempo ditado e com o desafio de fazer dessa visibilidade uma permanência. O nosso corpo, como mulher, carrega toda a luta de milhares de anos por reconhecimento como pessoa política. Por direitos básicos, desde andar pela rua até estudar, trabalhar, divorciar-se e votar. Carregamos no nosso corpo o nosso embasamento teórico. A nossa luta diária de sobrevivência é uma forma de continuar a história, das que abriram o caminho e das que ainda virão.

O nosso corpo também é território da colonização, do patriarcado e do capitalismo. E nos conhecer nos faz mais forte. Desde conhecer a história da nossa vó, da nossa bisavó, até a história das mulheres cientistas, pioneiras, premiadas e afins. Conhecer a nossa história é também uma estratégia de demarcar nossos espaços e, sempre que alguém tentar nos calar e nos limitar, poder gritar: EXISTIMOS! Desde Dandara, desde Pagu, desde Maria Felipa, desde Maria Bonita, entre muitas outras: EXISTIMOS! Somos agentes históricos.



Mujeres Cubanas

Nunca imaginei que um dia iria para Cuba. Um país tão distante. Uma cultura tão diferente. Fui a convite da Michele, para apresentar um trabalho sobre a Revista Peabiru no 4º Encontro de Pensamento e Ação Jovem da América Latina. O evento foi realizado na *Casa de las Américas*, um dos mais importantes espaços culturais do mundo e criado por uma mulher: a guerrilheira Haydée Santamaría. Haydée participou ativamente do processo de revolução cubana. Foi uma mulher que não teve estudo acadêmico, mas se dedicava quase que inteiramente à cultura. Foi ela quem deu assistência para movimentos como a *trova cubana* e o *boom latino-americano*, após criar a *Casa de las Américas* e presidi-la até 1980. Já a conhecia pelas cartas trocadas entre ela e Julio Cortázar, figura muito presente naquele espaço cultural – o nome da livraria da Casa de las Américas se chama Rayuela e o evento do qual participamos leva o nome de um dos contos de Cortázar: *Casa Tomada*.

Faltando alguns meses para a viagem (que só foi possível graças aos meus amigos e conhecidos que doaram dinheiro em uma "vaquinha" on-line), eu já estava pesquisando sobre as mulheres de Cuba, sobre as historiadoras do país e sobre a historiografia das mulheres na ilha. Descobri o canal Sobre Elas, da diretora Emy Lobo, com vídeos como: "Machismo em Cuba?! Sobre feminismo e ser mulher na ilha". Em 2016, ela dirigiu o

documentário “Nem tão amigos assim: uma ilha entre elas e eles”, em que mulheres cubanas falam sobre o começo de uma abertura com os EUA. Pelas entrevistas, pode-se perceber como essas mulheres estão ligadas à política do seu país, seja a favor ou contra. Encontrei blogs feministas e um site maravilhoso, chamado Directorio de Afrocubanas¹, um dicionário de mulheres cubanas de diversas áreas. Conheci o trabalho de Daysi Rubiera, historiadora especializada em testemunho de mulheres e que investiga a vida de mulheres negras em Cuba. Ela escreveu o livro “Afrocubanas: historia, pensamiento e prácticas culturales” e “Reyita: the life of a black cuban woman in the twentieth century”, este último sobre sua mãe. Tentei entrevistar Rubiera, mas ela estava fazendo uma cirurgia nos dias em que estive em Cuba.

Cheguei a Havana alguns dias depois do Furacão Irma, que devastou muitos lugares na cidade. Fiquei dois dias na casa de uma senhora muito simpática, em Vedado. E como uma turista boba, fiz mil perguntas sobre como é viver em um sistema socialista. O que ela me disse com muita certeza é que nunca viu um cubano dormir na rua, morrer sem atendimento médico, ou passar fome. Saí para conhecer os arredores e fui até a Casa de Las Américas, que estava *muy cerca*. No caminho, vizinhos descontraídos limpando os rastros do furacão. Depois das 19h, é como se todo mundo ocupasse as ruas, as janelas e os terraços. Deu para perceber que as mulheres estão mais presentes na rua, não sentem medo de sair de suas casas, muito menos de noite, quando tudo continua muito tranquilo. Foi difícil me acostumar com a sensação de que, sim, era seguro sair de noite sozinha em Havana. Mas, como em toda a América Latina, deu para sentir o machismo e o assédio dos caras quando você anda pela rua. São comentários, cantadas e convites, a todo tempo.

Quando o evento começou, fui para a sede da Federação de Mulheres Cubanas (FMC), fundada por Vilma Espín, em 1960, e onde ficamos todos hospedados. A situação tava bem precária, pois a sede da FMC foi um dos lugares inundados pelo mar. Conversei muito com uma senhora que trabalha lá. Ela me disse que o mais difícil do furacão não foi o estrago que ele causou, e sim a falta de Fidel, pois ele sempre esteve presente nos momentos mais difíceis. Ela também me contou sobre quando assistia às novelas brasileiras e achava um absurdo que ninguém conversa ou dá um bom-dia pro vizinho, e que as pessoas moram em condomínios fechados e em casas isoladas. Ela quis me deixar claro que o povo cubano é muito solidário.

Confesso que não consegui fazer grande parte do que planejei, pois sofri muito com uma bolha embaixo do dedinho do pé e com assaduras devido ao calor e à decisão de levar só vestidos e saias. No evento Casa Tomada, conheci muitas mulheres incríveis, mas não posso deixar de citar duas delas: Damarys Benavides, cantora, compositora e muralista cubana; e Monica Miros, organizadora do festival “Nosotras estamos en la calle”, que ocorre todo ano em Lima, no Peru. Ela foi a artista convidada pelo evento para pintar a parte externa da Casa de las Américas. Damarys e Monica são amigas e, nos últimos dias do evento, estavam pintando juntas. Não esqueço do último dia, pela manhã, quando elas me convidaram para fazer algumas flores na parede. E convidaram também todas as outras mulheres funcionárias da Casa de las Américas. Daí você imagina, várias mulheres de diversas idades fazendo juntas algo que nos foi historicamente negado: arte.

Houve um dia em que e eu Michele fomos surpreendidas pela procura de uma senhora. Ela se chama Martha Eugenia López Villeda, nascida na Cidade do México, em 1955. Martha queria nos dar uma entrevista. Ela queria ser ouvida e fazer a sua história e o seu amor pela Revolução chegarem a outras geografias, transbordarem as fronteiras. Com 22 anos de idade, incorporou-se ao movimento 26 de Julho, no México. Participou do treinamento de guerrilha e disse que aprendeu a atirar, não para proteger a si mesma, mas sim para proteger a comunidade e a revolução. Com o triunfo da Revolução Cubana, em 1959, mudou-se para Havana, onde passou a viver o processo revolucionário. Escreveu o livro “Yo creo en Fidel”, uma obra autobiográfica escrita a partir de suas memórias. Martha fala com amor do processo revolucionário. Dos treinamentos, das rotas de fuga e da grandeza de Fidel. Hoje ela tem um projeto que busca resgatar essa memória revolucionária nas escolas.

Tive a oportunidade de entrevistar as jornalistas que escrevem no blog Asamblea Feminista², Zaida Capote Cruz e Lirians Gordillo Piña. O blog surgiu como um espaço para escrever sobre ideias em comum, não de maneira sistemática, e sim como uma assembleia mesmo. Também é como um espaço de colaboração em que são publicadas entrevistas, artigos e colaborações de outras escritoras. As jornalistas me contaram que, antes mesmo da Revolução, existiram outros movimentos feministas focados na questão do sufrágio. Lirians conta que o feminismo também sempre foi pautado na universidade. “O governo socialista cubano e a Federação das Mulheres Cubanas sempre defenderam os direitos das mulheres e, por isso, contamos com programas de saúde sexual e com programas de acesso ao trabalho, sendo que em todas as áreas as mulheres estão presentes. O aborto nunca foi proibido, mas foi o governo socialista que nos permitiu ter o acesso gratuito, hospitalar e universal para todas as mulheres”. Elas terminam dizendo que o feminismo atual precisa ser constantemente questionado, pois não se trata só de desigualdade de gênero, mas se cruza também com racismo, com classe e homofobia. “Se não questionarmos sempre, vamos continuar reproduzindo uma lógica machista, cultural e economicamente, principalmente neste momento em que estamos passando por uma crise política e social”.

¹<http://directoriodeafrocubanas.com/>

²<https://asambleafeminista.wordpress.com>

³ Meu agradecimento a todos que doaram na vaquinha “Varanis vai pra Cuba”: Júlia Batista Alves, Daniela Caruza, Carolina Leonardi, Shirley Ribeiro, Mariana Maríneli, Rafael Henri Boegli, Camila Faustini Cabello, Amanda Letto Lodi, Felipe Lordello, Laiza Felix de Aguiar, Paulo Renato da Silva, Ana Flavia Cernic Ramos, Juliana Pirola, David Meigarrejo, Silas Lima, Milton, Cledison Ignacio, Iana Paro, Ana María de Lourdes, Tally Mendonça, Fernanda Zamboni, Rafael Elfe, Thomaz da Costa Faria, Claudia de Carvalho Bittencourt, Alain Oliveira, Marina Duarte, Larissa Bontempi, André Samambaia, Maira Colares, Marina Miyazawa, Mayara Nardo, Daiana Costa, Thiane Neves Barros, Josiane Paganini, Ana Antoniazzi, Marília Taufic, Julia Nofoente, Melissa Rodrigues, Lara Fratucci, Lays Antunes, Ana Patrícia Brito, Francisco Ampueiro, Ronaldo Canabarro, Karen Ishiguro, Jean Bosco Kakozí, Larissa Arantes, Felipe Villanova, Maria Eugênia Pires, Andreia Moassab, Daniel Santa Rosa, Mayara Alexandre, Mari Poppy, Ander Silva, Renata Barbosa, Michelle Rinaldi, Emy Lobo, Jana Viscardi, Paulo Gilberto, Karinne Martins Esteves, Carla Cristina Carvalho, Everson Tavares.



O FANDANGO CAIÇARA DO PARANÁ

SILVIA COLLODEL¹

O fandango é uma manifestação típica do litoral sul e sudeste, de dança e música, executada por violas, rabeca e adufe. Na dança, há batidas de tamancos de madeira, denominadas "batido", que também se executa como o de bailado nas festas. O fandango era consequência dos mutirões de agricultura caiçara, que consistiam em roçados, queimadas, plantações e pesca, nos quais a comunidade se reunia após o trabalho e festejava com um jantar à base de peixe. Em seguida, havia o baile de fandango.

Essas regiões têm um longo histórico de despovoamento devido à necessidade de trabalho e à atração da cidade sobre esses povos. Dos anos 1970 para cá, essas comunidades tiveram deserção sem retornos, por conta de proibições de manejo da terra, de roçado, de cortes de madeira para canoas e instrumentos musicais, de cortes de plantas nativas e palmitos, ou seja, tudo que era necessário para a subsistência do caiçara. Assim, grande parte de seu território foi transformado em unidade de conservação.

Vários migraram para Paranaguá e começaram a trabalhar em ofícios de carpintaria e subempregos. O que existe e resiste são grupos de caiçaras que ainda executam algumas atividades como lembranças de outras épocas. A roça, a pesca e outras atividades que antecediam o fandango foram suprimidas. Porém, a música caiçara sobrevive em pequenos núcleos, com fabricação de instrumentos, bailes e artesanatos, mesmo tendo pouco incentivo das políticas culturais da cidade. Atualmente, na Ilha de Superagui, existe apenas um grupo, chamado "Raízes Fandangueiras", que geralmente se apresenta em feriados, estando a sua atuação ligada diretamente ao turismo.

Em Paranaguá, os quatro grupos existentes têm sede na Ilha dos Valadares, fazendo rodízios de apresentações dois sábados ao mês no antigo Mercado do Café, no centro histórico, além de apresentações para outras cidades. Seu Zeca Martins é um dos últimos caiçaras que vieram direto de uma dessas comunidades próximas à Ilha de Superagui, e ele ainda constrói instrumentos. Seu Zeca tem 66 anos, veio para Ilha dos

Valadares há 40. Toca nos quatro grupos de fandango de Paranaguá e ministra aulas de rabeca e viola, pela Prefeitura Municipal, quatro vezes na semana. Há seis anos que tenho esse aprendizado com o seu Zeca, começando os primeiros toques. Apesar de ser nativa de Paranaguá, aprendi a cultura daqui tardiamente, e é isso que se observa nos jovens, a cultura global se sobressai à regionalidade.

Denota-se a importância de registrar a memória dessas pessoas, pois houve uma diminuição de seus sucessores devido à atração exercida pela cultura global, que toma o espaço de identificação desses grupos com o local em que vivem. Porém, está se tornando comum o contato de pessoas de fora dessa região com o fandango, seja pelo turismo ou por estudantes de música que se sentem atraídos pela sonoridade dessa manifestação artística e passam a frequentar esporadicamente a localidade à procura de aulas.

¹ Estudante de Agroecologia da UFPR Litoral. Contato: silviacollodel@yahoo.com.br

Imagens: ensaio do professor e mestre fandangueiro Zeca Martins. Ele vive atualmente na Ilha dos Valadares, pertencente ao município de Paranaguá, Paraná.



Furacão Irma em Cuba

EU ESTAVA LÁ

Por Bruna Brandão¹

Mas o que antes pareciam só mensagens preocupadas de amigos e família alarmados pelos noticiários com foco na Flórida começou a se tornar mais real. Num país onde o acesso à internet é bastante limitado, apenas com Wi-Fi de acesso pago por hora em praças públicas e sem conexão nas casas, tudo ficava mais difícil. Passar por um furacão tendo acesso ao Twitter e a notícias em tempo real é uma ótima forma de estar preparado, mas isso não é uma possibilidade em Cuba. E provavelmente essa também é a razão de o meu texto ter ficado bem atrasado para o timing de notícias.

Na rua um ambulante olhava em nossa direção e gritava: "*Galletas para el ciclón, galletas para el ciclón*". Até demos uma risada, mas foi aquele riso com uma pitadinha de desespero. Vi que realmente precisaríamos comprar comida para os próximos dias e saímos em busca de cajitas, o marmitex que você consegue comprar pelo equivalente a um dólar em vendinhas de moeda cubana. Para encontrar uma dessas, é bom estar de olho no que a gente apelidou de "portinhas". Elas sempre têm um cardápio na porta que provavelmente terá pizzas, *bocaditos*, bebidas e refeições.

Tenha sempre dinheiro em monedas cubanas para comprar coisas nesses lugares baratinhos, porque se eles reparam que você é um turista desinformado vão tentar te dar um preço em CUC (moeda turística), que provavelmente vai ser mais caro.

Os supermercados em Cuba já são raros e, quando você encontra um, só oferecem produtos bem básicos, industrializados e infelizmente com uma qualidade bem inferior ao que estamos acostumados. Na volta para a casa, as filas dos mercados dobravam os quarteirões, pois até o número de pessoas dentro do mercado é controlado — as bolsas também têm de ser guardadas em *lockers*. Desistimos de fazer um estoque muito profissional e voltamos pra casa com nossas *cajitas*, água e rum.

A casa da família em que nos hospedamos estava no segundo quarteirão do Malecón, o primeiro já estava sendo evacuado e as tropas policiais de apoio estavam desviando o trânsito para outras ruas mais distantes do mar. Os aeroportos de toda Cuba estavam fechados e todas as viagens de ônibus suspensas até segundo aviso. Entrei uma última vez na internet para dar notícias à família até que a conexão caiu de vez; e, depois disso, houve também a queda de energia, que durou quatro dias. Lá em casa, no Brasil, a luz cai com frequência, mas sempre volta em algumas poucas horas. Um país inteiro sem energia durante quatro dias faz muito mais do que deixar as pessoas no escuro. Nosso estoque de comida durou os dois dias planejados, mas quem disse que os restaurantes e supermercados abririam? E, sem geladeira, conservar o estoque também foi complicado (saudades da cerveja gelada), além do fato de passarmos os dias do furacão dentro de casa, numa Havana de 40 graus, úmida, sem ao menos ter a ajuda de um ventilador.

A partir do meio-dia de sábado, a recomendação era de não sair para as ruas. A cada esquina havia policiais dando orientações e direcionando as pessoas que andavam a pé — já quase não se viam carros pela cidade. Nossa casa tinha um quintalzinho simpático em que passamos a tarde bebendo rum e conversando, como muitos cubanos estavam fazendo — era o que se tinha pra fazer. A chuva vinha pouco a pouco, os ventos ainda eram tranquilos e até agradáveis como num dia normal. O Furacão Irma esperou a madrugada para deixar Havana acordada. Entrou a noite escura de sábado, cidade inteira apagada, e começaram os primeiros temporais. O barulho do vento era assustador e eu ouvia o mar avançando Malecón adentro, as ondas quebravam nas paredes da nossa casa na segunda quadra e a beira-mar já estava toda inundada. Depois fiquei sabendo que as ondas do mar chegavam a quase 11 metros de altura e a velocidade do vento

A ficha foi cair mesmo pelo fim da tarde de sexta-feira. Ariel, o barman simpático que estava fazendo nossos *mojitos*, nos avisou que o bar estava fechando em breve e começou a guardar todas as garrafas das prateleiras em caixas e a tirar os quadros das paredes. Um amigo que viajava comigo, ainda descrente do possível perigo da passagem do furacão Irma por Cuba, insistia que isso poderia ser um procedimento regular do bar. "*Ustedes nunca pasaron por un ciclón?*", Ariel nos perguntou curioso, pensando que furacões fossem comuns no Brasil. Não tinha muito segredo, era só ficar em casa nos próximos dois dias e fazer um bom estoque de comida, água e rum. "Vai ter muito vento, chuva e muita água; o furacão está mais para o lado leste da ilha, então não se preocupem, sigam as orientações de segurança e tudo vai ficar bem". Ele agia da forma mais natural possível. Na verdade, em Havana não vimos ninguém desesperado, a não ser os turistas de um hotel que estava sendo evacuado no Malecón, à beira-mar da cidade.



Foto: Fim de tarde no Malecón, à beira-mar de Havana

beirava 100 quilômetros por hora. Já era por volta de meia-noite e o sono não ia chegar com todos os estrondos e o calor. Fui até a porta para ver se podia ajudar de alguma forma, e todos da família estavam acordados na sala de entrada. Luis Miguel, que estava nos hospedando, colocava sacos de areia para impedir a passagem da água; e um vizinho abençoado ajudava a todos do quarteirão. Uma chuva salgada nos molhava: não era chuva, e sim a água do mar sendo levada com força pelos ventos do Irma. Deu até um apertinho de medo quando a filha dele disse meio chorosa que, mesmo acostumada com furacões, as inundações nunca tinham acontecido com tanta intensidade na casa deles. Foi uma madrugada arrastada, eu mal podia esperar para amanhecer o dia. Não se viu, só se ouviu a passagem do furacão por Havana. Foram horas de barulho dos ventos levando postes, árvores gigantes e pedaços das antigas casas de Havana Vieja. Nada foi extremamente destrutivo, porém quando se ouviu um estrondo de concreto sendo levado pelo vento, o que se imagina é um prédio inteiro no chão. Uma noite de sono inquieto e aflito, apesar da certeza de que nada extremamente trágico iria nos acontecer.

Sol chega, furacão se vai. Admito que as primeiras horas da manhã foram até meio cômicas. Nossa casa era bem próxima da beira-mar; e os cubanos, com seus celulares, se aglomeravam na esquina para filmar e tirar *selfies* com as ondas que ainda quebravam nervosas na parede do Malecón. Mais uma prova de que em Havana não vimos ninguém desesperado: as ruas todas inundadas, árvores no chão, algumas casas meio destruídas e, mesmo assim, a galera ria, conversava com os vizinhos, brincava de boia e tomava rum às 9 da manhã; não tinha motivo pra chorar. É uma cidade preparada para esse tipo de desastre natural e as pessoas aceitam as contravenções com muita tolerância e bom humor.

Saímos de casa em busca de comida, aí sim tivemos motivos para chorar. Nada aberto, nem na principal rua turística. A inundação das ruas estava funda e atingia quase a cintura na hora de passar. Gelo e cerveja seriam miragens, tudo que seria de mais necessário para umas férias no Caribe – mas realmente não havia nada funcionando, nem para comprar um pãozinho. A solução para a primeira refeição do dia foram algumas castanhas que trouxe na mala e um Jack Daniel's que tinha comprado no *freeshop* do Panamá. Os restaurantes e vendinhas seguiram fechados durante três dias, e encontrar comida foi um problema real no pós-Irma.

Cuba tem uma grande parte da renda dependente do turismo e sofre bastante nessa temporada de desastres naturais. Setembro é baixa temporada no Caribe justamente pela probabilidade de furacões. Pra se ter ideia, duas das casas de salsa mais famosas de Havana foram destruídas pelo mar, e o Malecón continuou fechado mesmo após duas semanas da passagem do furacão. Eu sinceramente recomendaria escolher outro mês para visitar essa ilha maravilhosa, apesar de que as praias desertas e as cachoeiras vazias são presentes que ganhamos apenas quando viajamos em baixa temporada.

Mesmo com as diversas contradições e perrengues sendo um viajante estrangeiro na ilha (vou escrever sobre isso em outras postagens), a maravilha do turismo de Cuba é poder se hospedar nas casas de famílias cubanas — sempre gosto de falar que eles foram os primeiros a inventar o Airbnb. Tudo teria sido bem mais complicado se não estivéssemos com a família superatenciosa do Luis Miguel. A mãe dele fez café da manhã pra gente quando viu que não tínhamos mais nosso estoque de comida, e o filho até preparou um jantar surpresa à luz de velas: um espaguete bem gudadinho e sem tempero, mas que foi lindo na hora.

Sem querer romantizar demais, mas o que mais vi nessa passagem do Furacão Irma foi como os cubanos têm essa responsabilidade em manter seu arredor seguro, ajudar os vizinhos e criar nos entornos de suas casas um verdadeiro senso de comunidade. As pessoas se juntam para garantir a segurança do seu quarteirão, compartilhar água, comida, remédios e o que mais for necessário. Até o recolhimento das árvores caídas é feito pelos moradores até que passem os caminhões de coleta, o que aconteceu alguns dias depois. Apesar de a polícia da cidade estar sempre presente nas orientações e prestar ajuda em zonas de risco, a população não fica esperando a ação de terceiros para reagir às ações naturais que foram consequência do Irma. Já que tive que passar por essa experiência do furacão, de todos os países na rota do Irma, acredito que estava no melhor lugar para me sentir acolhida e tranquilizada. Mesmo sem acesso à internet e TV, Cuba fez com que eu me sentisse segura durante todo esse tempo sem precisar fugir para lugar nenhum.

“Foi uma madrugada arrastada, eu mal podia esperar para amanhecer o dia.”

Bruna Brandão

*Fotógrafa na empresa Orquestra Filarmônica de Minas Gerais. Estudou na instituição de ensino Cambridge School of Art. Contato: www.bruna-brandao.com e brunalcbrandao@gmail.com



Mulheres, tecidos e tranças

Viajar pela América Latina produz invariavelmente uma mescla de alegria e dor. O breve relato que segue organiza memórias e sentimentos de uma jornada a Vallegrande (Bolívia) para os 40 anos de assassinato de Ernesto Che Guevara. Para ser mais fiel, recorro a outro mestre, João Guimarães Rosa: "O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia". Todo o tempo, todo o caminho foi de aprendizado, desde a arrumação das malas para um longo trajeto percorrido de ônibus desde Curitiba-PR, cada uma das paradas, as cidades e desertos por onde passamos, até as refeições preparadas coletivamente, tudo nos tocava com dor e alegria, com mística. E é exatamente pela intensidade do vivido que se torna desafiador relatar de forma sintética essa experiência. O que se pode dizer é que este é o tipo de viagem que acorda em nós uma vocação: a vocação de manter acordados os desejos dos nossos corações.

A experiência do deserto, da aridez, do inóspito desagrega, porém não há indiferença que resista, tampouco olhos que não resignifiquem sua mirada para o mundo. Um sentimento acentuava-se a cada quilômetro percorrido: "tudo igual em outra língua", tudo igual porque o modo de produção é igual, a mesma desigualdade, a mesma concentração de renda, a mesma exploração. Os rostos também sofridos, como os muitos que vemos diariamente Brasil a fora.

As marcas do imperialismo também são vistas por lá, nos corpos, nas casas, na cultura. Fez todo sentido um dos discursos de Che: lutar contra o imperialismo onde quer que esteja. Saber que o capital e o império são globais nos sensibiliza, porém vê-los e senti-los globais mexe com nossas entranhas, com nossa indignação.

Paramos rapidamente em Santa Cruz, em uma feira colorida, diversa, de muitos cheiros e sabores. Após os encantamentos iniciais, a brutalidade de conhecer um dos departamentos mais ricos do país, conhecido como a capital do agronegócio, do latifúndio e o reduto dos opositores de Evo Morales, cocaleiro, presidente eleito pela mobilização indígena do oriente e do ocidente bolivianos, por seus 32 povos.

As horas no ônibus dividiam-se entre histórias e lanches compartilhados, descanso, leituras, comentários e impressões a partir do que a geografia e as comunidades locais nos informavam. Vimos muitas cruces ao longo do caminho. Nelas, além dos signos de dor e morte evocados por si só, vinha a lembrança da ofensiva espanhola contra os povos indígenas, sua religião e sua cultura. No entanto, em todas elas, percebíamos flores e fitas coloridas. Tecidas por mulheres enquanto amamentavam seus filhos ou comercializavam os frutos da terra nas feiras, as flores, fitas e cruces



Maria Izabel Machado
Professora colaboradora na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).
Defendeu, em março de 2017, a tese com o título "Mulheres, economia solidária e a reinvenção de trajetórias", no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR).
Contato: izabelpjmp@gmail.com

espalhavam-se por todo o caminho. Da mesma forma, espalhava-se a vegetação retorcida e resistente.

Ressoavam as palavras de Che: "Os que geram riqueza com seu trabalho e fazem girar a roda da história despertam do longo sonho embrutecedor ao que os submeteram (...) A história terá que contar com os pobres da América, que começam a escrever sua própria história". A única revolução possível parece ser a que conta com essa gente que vive driblando a morte com flores, fitas e resistência.

Respirou-se diversidade nas bandeiras dos diversos países, nas músicas, nas apresentações teatrais. Porém, falta-nos ainda reinventar a coletividade, a comunidade. Somos filhos de nossa época, afirmo sem determinismo, apenas como autocrítica. Não sabemos, ou sabemos pouco, como encarnar as contradições entre as liberdades individuais da modernidade e o projeto de sociedade que sonhamos. Somos aprendizes, e a lição é estudar *fuerte*, como orientou o comandante.

Partindo dessa ideia de revolução permanente, foi perceptível que não apenas o imperialismo é global, a solidariedade também o é. E como o que faz o recorte da realidade é o olhar, o meu estava demasiado sensível às mulheres. Elas estavam por todos os lados, mulheres, tecidos e tranças. Mulheres como Dona Lídia, que recebeu em sua casa mulheres como ela, porém estrangeiras, e partilhou o pouco de água que lhe restava. Ou ainda como a menina que também partilhou água, mas que não tivemos tempo de perguntar o nome, pois logo

foi retomar seu trabalho no cuidado de outra criança. A barreira da língua, o cansaço e a dificuldade de acompanhar as grandes discussões não impediram que ouvíssemos e falássemos sobre as experiências de luta em nossos países. Tive, com outras companheiras de nossa delegação, o privilégio de participar de um grupo que socializava a luta das mulheres latino-americanas. Na Bolívia, lutando por participação na constituinte; na Venezuela, pelos direitos reprodutivos; em Cuba, no Brasil, no Paraguai. Além da solidariedade, a luta e a esperança também são globais.

Participantes de diversos países mudaram o ritmo da cidade; suas ruas e casas se encheram de sotaques, cores e música. Dividimo-nos em diversos grupos temáticos, nos juntamos novamente para ouvir os testemunhos de vida e luta.

Dentro da programação oficial estava marcado um ato político-cultural em La Higuera, local onde Che foi executado. Desmontamos o acampamento e saímos no começo da noite. No entanto, as condições da estrada e a forte neblina impediram que nosso ônibus continuasse a viagem. Maior que o desejo de participar era nossa responsabilidade com a segurança de todos. Não continuar a subida até La Higuera colocou-nos diante de nossas fragilidades, do frio, da neblina, do medo. Mudamos o rumo, descemos a pé, de braços dados, alguns cantando, outros contando e ouvindo histórias, ainda com frio, mas já não mais com medo, entendendo a importância de não chegar ao alto ou rápido, mas de chegarmos juntos.

Fotos: Maicon Rodrigo Rugeri

CREACIONES EN INTERSECCIÓN: Una reflexión sobre Casa Tomada 2017, seis meses más tarde

Por Sonja Elena Gandert*

*Estudiante de doctorado en historia del arte, The Graduate Center, CUNY (Nueva York)

En septiembre del año pasado tuve el honor de participar en la cuarta edición de Casa Tomada, evento que tuvo lugar en la emblemática Casa de las Américas, en La Habana, Cuba. El espíritu del evento se encapsuló en la frase impresa sobre las camisetas que nos regalaron: crear es resistir. El tema general - los jóvenes en el espacio público - también lo tuve como lema en la planificación y ejecución de mi aportación al evento, una exhibición de arte inspirada en tres movimientos sociales que surgieron e iban sacando fuerza en Estados Unidos durante los meses anteriores al encuentro. La exhibición, titulada *Movimientos en intersección: Rastros de protesta en #BlackLivesMatter, #NoDAPL, y lxs DREAMers*, reunió la obra de diez artistas afroamericanxs, latinxs, e indígenxs.

Creo que es importante resumir brevemente cuál es mi relación a la Casa de las Américas y cómo fue el proceso de llegar a organizar la exhibición en ese preciso momento, ya que a diferencia de la mayoría de los participantes de Casa Tomada, no vengo de lo que se suele denominar "América Latina". Nací en el estado de Nuevo México en los Estados Unidos y me identifico como chicana/latina porque la familia de mi padre proviene de la tierra que ha pasado a ser española, mexicana, y desde el Tratado de Guadalupe Hidalgo de 1848, estadounidense. Como curadora e historiadora de arte, me enfoco en el arte de los latinos en los Estados Unidos, un área que incluso hasta el día de hoy tiende a ser marginada en comparación tanto con el arte latinoamericano como el estadounidense. Casa de las Américas precisamente es una de las pocas instituciones en América Latina que ha optado por hacer hincapié en los estudios de la diáspora latina-estadounidense, y en 2013 participé en un coloquio internacional organizado por su Programa de Estudios sobre Latinos en los Estados Unidos en La Habana. En 2015

participé en el mismo coloquio por segunda vez, y al año siguiente fui invitada por algunos profesores a acompañar a un grupo de estudiantes de la Universidad de Cornell en Nueva York, donde por entonces formé parte del equipo curatorial del museo de arte universitario. Durante ese viaje, pasé por Casa a saludar a mis colegas, Ana Niria Albo Díaz y Nahela Hechavarría. Allí justamente estaban realizando el Taller Casa Tomada en preparación para el evento del año siguiente, y me presentaron al equipo curatorial de una muestra de gráfica chilena diseñada por activistas universitarios. Hablando con Ana Niria, Nahela, y la curadora chilena Javiera Manzi, se nos ocurrió que yo tal vez pudiera hacer algo parecido con gráfica producida a servicio de algunos movimientos sociales en mi país también, y me dijo Ana que les enviara una propuesta. Un mes más tarde, las elecciones presidenciales sucedieron, y fortalecida por la desesperación e impotencia que provocaron, me puse a repensar las ideas que tenía y hacer que fueran más explícitamente politizadas. Envié la propuesta con una sensación de urgencia más fuerte que nunca.



Fotos do evento Casa Tomada 2017/Michele Dacas



Sabiendo que me tocaría traer todas las obras conmigo a Cuba para el montaje, al principio me emocionaba la idea de ir en busca de banderas, carteles, y otros objetos gráfico-textuales que son los vestigios literales de las manifestaciones en masa. Sin embargo, al final me dejé guiar por el arte que encontré, el cual para mí operaba *alrededor* de las protestas, evidenciando sus rastros, aunque siempre con su influencia y estética en el primer plano. Asimismo, para mí el hilo conector de los tres movimientos (Black Lives Matter, Standing Rock/NoDAPL, y los jóvenes indocumentados o DREAMers) se radicaba en tres cosas: su impulso por los jóvenes, el papel central de la presencia armada o policial que actuaba en su contra, y la primacía de las redes sociales en su creación y diseminación.

Conforme con su título, la muestra pretendía enfatizar puntos de intersección que unían los tres movimientos, bien fueran conexiones directas o bien estrategias conceptuales compartidas. Por tanto, intersección se refiere a la gente que participa en múltiples movimientos simultáneamente; las intersecciones casuales que ocurren con las estrategias usadas; y la intersección entre presencia física y la influencia del mundo digitalizado de las redes sociales, los smartphones, los hashtags, etc. A medida que iba en busca de obras, iba fijándome en una especie de dialéctica entre los rasgos viscerales, corpóreas, y materiales encarnados en las protestas en el espacio público, las cuales en pleno aumento desde las elecciones, y la desconexión que los sirve de complemento inverso en el mundo digital. Sin embargo, la muestra procuró reconocer el poder de las redes como Facebook, Twitter, Instagram, etc. para unir a los activistas y movilizarlos a escala grande a través de distancias incluso mundiales. La tesis principal, entonces, es sugerir que el impulso hacia lo digital genera una respuesta contraria pero complementaria que enfatiza la materialidad. Esta vuelta a lo físico sirve para contrarrestar lo digital, por un lado, pero que por otro lado afirma los rasgos más potentes y productivos del mundo saturado de imágenes digitales en el cual vivimos.



Finalmente decidí incluir a diez artistas y/o colectivos para la muestra, que comprendió veintitrés obras en una variedad de medios. Quisiera dedicarle un poco de espacio a tres de los artistas para mostrar cómo ejemplificaron la temática de la exhibición. Sin duda la obra de Dáreese Walker era la más comentada en la muestra cuando estaba instalada en La Habana. Walker trabaja con el cartón corrugado como soporte - aludiendo al material de los carteles de protesta - para crear dibujos impactantes basados en fotografías de la brutalidad policial contra los afroamericanos. Aprovechándose de la superficie parcialmente rasgada del exterior del cartón para que se vea la corrugación dentro, los dibujos fotorrealistas provocan empatía por las víctimas a la vez que subrayan el papel deshumanizador del policía con el uso de la escala y una perspectiva escorzada. El cartón expuesto tiene una calidad visceral que sugiere la piel humana, un efecto que también lo tiene las pinturas-esculturas en forma de vestido de María de los Ángeles, una artista nacida en México que, a diferencia de mucha gente indocumentada en Estados Unidos, como artista lo destaca en su práctica artística. En el vestido sobre lienzo que hizo para Casa Tomada, imágenes de figuras con mochilas y la patrulla fronteriza entremezclan con palabras de esperanza e inspiración para el migrante cruzando la frontera. La figura de la Virgen de Guadalupe pintada en tinta y óleo ocupa la parte central, y los puntos cosidos se ven expuestas para producir de nuevo el efecto de la piel con las heridas suturadas y sugerir también la labor y las artes manuales. Lo artesanal y lo manual también se ven unidos con ideas de colectividad en el trabajo de la Protest Banner Lending Library (Biblioteca de Préstamos para Estandartes de Protesta). El proyecto fue fundado en Chicago por la artista Aram Han Sifuentes para fomentar el acceso a material de protestas, la sostenibilidad frente a lo desechable, y la participación de gente que por motivos de discapacidad o legalidad no puede estar presente en las manifestaciones. En los talleres que organiza la PBL, se cosen los estandartes a mano, y después cualquier persona puede prestarlos para protestas, exhibiciones, u otros propósitos afines.



VIRANDO O MAPA E O MUNDO DE CABEÇA PARA BAIXO

Liebert Rodrigues, Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNILA

Cara leitora: você conhece a imagem ao lado? Trata-se do “Mapa Invertido da América do Sul” (1943), de autoria do artista uruguaio Joaquín Torres-García (1874 - 1949). Essa pintura revela uma visão de mundo *Outra*, muito diferente da que aprendemos naqueles típicos atlas escolares, onde nos acostumamos a ver a Europa e os Estados Unidos como sendo o *Norte Global*. Fazer parte do *Norte Global* significa pertencer ao autoproclamado *Primeiro Mundo*, e o *estar-por-cima* no mapa-múndi é carregado de um significado simbólico de superioridade que não deixa de ser um produto histórico da colonialidade. Essa posição superior, central e agigantada¹ dos países do *Norte Global* no mapa-múndi reforça visualmente uma ordem global hegemônica que se oferece às pessoas como sendo a visão “correta” do mundo. Pois, afinal, esses mapas têm sua matriz produtora situada no *Norte Global*. Nesse contexto, o “Mapa Invertido da América do Sul” pode ser entendido como uma imagem-manifesto:

É por isso que nós agora viramos o mapa de cabeça para baixo, e agora nós sabemos qual é nossa real posição, e não é como o resto do mundo gostaria que estivéssemos. De agora em diante, o alongamento da ponta da América do Sul irá apontar insistentemente para o Sul, nosso Norte. Nossa bússola também, ela vai inclinar irremediavelmente e para sempre na direção do Sul, da direção do nosso polo (TORRES-GARCÍA apud SALES, 2017, p. 159). **

Esta obra de arte é capaz de dizer muito ao virar o mapa de cabeça pra baixo. Através dela é possível desestabilizar a cartografia hegemônica de matriz eurocêntrica. Por quê? Porque neste mapa o Sul aponta para onde se arbitrou ser o Norte, invertendo simbolicamente o polo da ordem mundial estabelecida. Mais do que isso, nos lembra que o Polo Norte e o Polo Sul da Terra foram assim posicionados de forma arbitrária pelos cartógrafos europeus a partir da colonialidade/modernidade, considerando que este planeta é um corpo celeste no Sistema Solar e que no espaço sideral não é possível determinar um Norte ou um Sul. A crítica de Torres-García através deste mapa precedeu em muitas décadas o debate acadêmico sobre a desconstrução da cartografia enquanto ciência, que ganhou projeção na década de 1980 através dos autores da *cartografia crítica*². Esses autores – anglófonos, em sua maioria – desconstruíram a ideia do mapa enquanto espelho de uma realidade preexistente e representação verídica, neutra e objetiva do espaço. Para eles, os mapas não produzem uma imagem “cientificamente” exata do mundo, e sim produzem ficções sobre o espaço. Ou seja, todo mapa constitui uma visão arbitrária sobre o mundo. Isso não quer dizer que o mapa seja uma mentira, uma deformação. O mapa é um discurso. O mapa é uma representação dos desejos de quem mapeia.

No entanto, ainda que os mapas não sejam verdades sobre o espaço, a ideia oposta foi construída historicamente, prevalecendo até os dias atuais. Afinal, a própria *cartografia crítica* demonstrou que os mapas se consolidaram enquanto



ferramenta de poder na esteira da criação dos Estados-nação europeus, tanto por seu uso prático para as conquistas militares – especialmente as coloniais – quanto pelo seu poder simbólico sobre a existência dos territórios, como se os contornos de um determinado país em um mapa dissessem: *esta porção de terra delimitada por esta linha é uma nação unificada, estas são as nossas fronteiras*. Exemplo atual: um mapa do Google Maps é naturalmente aceito enquanto uma imagem verídica sobre o espaço, exercendo o poder de dizer que um objeto *existe no espaço*, e, antes disso, dizer que um objeto *existe*. O fato deste mapa ter sido produzido através de imagens de satélite confere autoridade “científica” sobre qualquer informação nele presente. A desconstrução dos mapas sistematizada pela *cartografia crítica* considerou arbitrária a diferença entre mapas “científicos” e “artísticos”: **TODOS** os mapas são narrativas sobre o espaço produzidas socialmente, seja com a ajuda de satélites e levantamentos topográficos, seja com pincel e tinta. Nesse sentido, tanto o mapa do Google quanto o de Torres-García são equivalentes enquanto fonte de conhecimento geográfico.

Enfim, a partir do momento que desestabilizamos a cartografia hegemônica de matriz eurocêntrica, adquirimos a consciência de que somos livres para nos apropriarmos dos mapas enquanto ferramentas para a autonomia da América Latina. Somos livres para produzir *Outros* mapas – *Nossos* mapas. O mapa de Torres-García nos provoca em direção a uma postura emancipatória do espaço latino-americano com relação ao *Norte Global*. Da mesma forma, nos provoca a produzir cartografias *Outras*, que ofereçam uma visão de mundo mais soberana e atenta aos interesses da nossa gente. Assim sendo, devemos nos apropriar dos mapas de maneira prática, nos apropriar do seu poder, transformando-o em um instrumento revolucionário na produção de itinerários libertários na América Latina.

¹A projeção cartográfica mais aplicada ao mapa-múndi é a Mercator, onde a Europa detém o meridiano principal, posição central no mapa – mais especificamente Greenwich, bairro localizado na cidade de Londres. Nesta projeção se observa o seguinte: quanto mais uma área estiver distante da linha do Equador, mais ela se agiganta. Isto faz com que, por exemplo, a Groenlândia pareça tão grande quanto o Brasil. Assim sendo, a Europa e a América do Norte parecem maiores do que realmente são em relação à América do Sul, África e Sudeste Asiático.

²Atenta às questões sociais que envolveram a produção dos mapas e como os mapas foram usados como ferramentas de poder, a cartografia crítica foi de encontro à busca empreendida pela cartografia acadêmica da segunda metade do século XX por representações cada vez mais verídicas de uma suposta realidade preexistente. Alguns exemplos de nomes importantes dentro da cartografia crítica são John Brian Harley, Jeremy Crampton, Denis Wood e John Krygier.

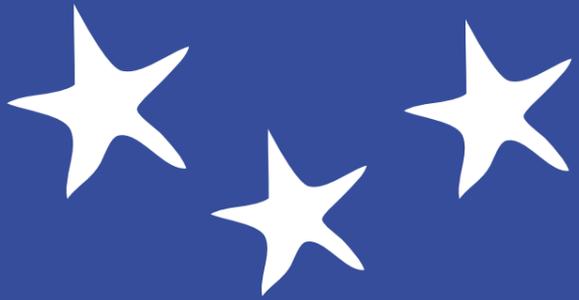
*Este pequeno texto é dedicado a Leo Name, que eternizou a pintura de Torres-García em si mesmo por meio de uma tatuagem, e a Carla Monteiro Sales, especialista sobre o “Mapa Invertido da América do Sul”.

** SALES, C. M. Cartografia, arte e visões de mundo na reprodução do “Mapa invertido da América do Sul”. Espaço e Cultura, n. 39, jan./jun. de 2016. p.157-174.

CUBA: dos avanços sociais a atualização econômica

Por Thomaz da Costa Farias*

*Mestrando em Economia Política Internacional da UFRJ



A Revolução cubana é um dos grandes acontecimentos do século XX que influenciou a política na América Latina. Deve-se reconhecer a ousadia dos guerrilheiros e guerrilheiras da Sierra Maestra, que liderados por Fidel Castro, Camilo Cienfuegos e Che Guevara, desafiaram o poder hegemônico norte-americano em 1959.

Os cubanos costumam contar a sua história dizendo que o país passou, na verdade, por dois processos de independência: primeiro a Guerra Hispano-americana contra o domínio colonial espanhol (1898) e mais tarde a luta contra o imperialismo dos Estados Unidos (1959). Dentro deste contexto, torna-se difícil descrever Cuba, um país com peculiaridades históricas, econômicas e culturais. Visitar a ilha e viver um pouco daquilo que a Revolução construiu ao longo dos anos, o "socialismo cubano", talvez seja a melhor forma de entendê-la.

Minha primeira experiência em Cuba foi como militante, na Brigada Sul-americana de Solidariedade (2005). O Instituto Cubano de Amizade com os Povos (ICAP) organiza grupos para realizar trabalhos voluntários, participar de atividades culturais e políticas na ilha. Em janeiro, acontece a edição Sul-americana, mas existem outros programas do ICAP, como por exemplo A Brigada Internacional 1º de Maio e a Caminhos do Che, que percorre, em outubro, os lugares históricos por onde

passou o "Guerrillero Heróico". Para integrar uma Brigada, os interessados devem procurar as associações de solidariedade a Cuba no Brasil.

A primeira viagem foi sucedida por outras – é difícil visitar a ilha e não ser tentado a querer voltar – e dessa relação nasceu a *Dicas sobre Cuba*, uma página com postagens no Facebook de fotos e dicas para incentivar brasileiros a conhecer a ilha. Existe muita desinformação e até alguns mitos absurdos a respeito de Cuba propagados no Brasil. Já ouvi coisas do tipo: "cubanos não podem falar com estrangeiros", "a fábrica de charutos Cohiba é da família do Fidel", "cubanos passam fome", e por aí vai. A *Dicas sobre CUBA*, (<https://www.facebook.com/dicassobrecuba/>) atualmente com 1420 seguidores, é uma página de solidariedade, pois é importante para Cuba que mais pessoas possam conhecer a realidade cubana. Pessoalmente é uma experiência gratificante pelo fortalecimento da relação com os amigos cubanos e por todos os amigos e amigas interessantes que conheci através da página porque desejam ir ou estavam com viagem programada para Cuba.

Quem vai a Cuba geralmente volta bastante impressionado com as conquistas sociais. O país oferece saúde e educação de forma universal e gratuito ao seu povo. A Organização Mundial da Saúde reconhece Cuba



Acesse: facebook.com/dicassobrecuba/

como o primeiro país no mundo a zerar os casos de transmissão do HIV de mãe para filho. Em 2017, Cuba teve a menor taxa de mortalidade infantil da sua história, 4,0 por mil nascidos vivos, índice superior ao dos EUA. Outro mérito cubano é o investimento em biotecnologia e pesquisa. O país desenvolveu a CIMAvax-EGF, primeira vacina terapêutica contra o câncer de pulmão, e o Heberprot-P, medicamento usado no tratamento de pacientes do pé diabéticos, capaz de evitar a amputação em 80% dos casos.

Na área da educação, uma campanha em 1961, com grande mobilização popular e participação decisiva das mulheres educadoras, resultou num país declarado território livre de analfabetismo. A organização administrativa por bairros, através dos Conselhos de Defesa da Revolução (CDR), contribuiu para que nenhuma criança em idade escolar esteja fora da escola. Trabalho infantil, crianças pedindo esmola e prostituição infanto-juvenil são problemas sociais que não existem em Cuba. Impressiona, ainda, o grau de conhecimento e informação que os cubanos têm sobre o Brasil e o mundo. Boa parte da população frequentou a universidade e possui curso superior.

Contudo, é verdade que o país sofre restrições econômicas enormes, muitas das quais decorrentes do

embargo econômico, comercial e financeiro unilateralmente imposto pelos EUA, vigente desde 1962. Para se ter uma ideia do alcance do embargo, até poucos anos atrás a conexão de internet era realizada via satélite. Os cabos interoceânicos de fibra ótica que conectam os países realizando trocas de informação, tecnologia dominada por empresas americanas, circulava a ilha e não a incluída. Hoje, existe um cabo ligando Cuba à Venezuela e a rede de internet aos poucos vai sendo ampliada pela empresa chinesa Huawei. O embargo também impede que qualquer produto com tecnologia americana seja importado por Cuba.

Desde de 2006, quando Raúl Castro sucedeu Fidel na presidência, o país acelerou a implementação das medidas de atualização econômica.¹ As mudanças buscam dinamizar a economia, incentivando pequenos negócios privados, como restaurantes, cafeterias, salões de beleza, táxi, hospedagem para turistas em casas de famílias cubanas. Ao lado do trabalhador das empresas estatais, surgiu a categoria de trabalhadores por conta própria, os "cuentapropistas". Outra medida implementada diz respeito ao investimento de empresas de capital 100% estrangeiro em determinados projetos econômicos aprovados pelo governo. Em regra, os investimentos na ilha eram feitos através de associação entre empresas públicas cubanas e capital privado internacional. O terminal de contêineres do porto de Mariel, construído por uma empresa brasileira com financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), é outro projeto prioritário dentro do contexto da atualização econômica.² Cuba reconhece o papel do Brasil em apoiar este projeto estratégico para ilha. Aos poucos, consolida-se a Zona Econômica de Desenvolvimento (ZED) Mariel, avançando para inalação de empresas no entorno do porto.

A relação entre Cuba e EUA é importante para o desenvolvimento econômico da ilha, mudanças na relação entre os dois países e o fim do embargo resultariam em melhores condições econômicas ao povo cubano. O governo de Barack Obama restabeleceu relações diplomáticas com Cuba, flexibilizou algumas medidas arbitrárias que os EUA impõem a ilha, mas manteve o embargo vigente o qual precisa da aprovação do Congresso norte-americano para ser levantado. Donald Trump, por sua vez, atendendo aos grupos opositores ao governo de Cuba da Flórida, revogou parte dos acordos firmados pelo seu antecessor e esvaziou a representação diplomática dos EUA em Havana.³

Cuba, na sua política externa, volta-se aos seus parceiros tradicionais: Rússia, China, Venezuela, Irã, Argélia e demais países africanos. Impressiona, contudo, o avanço da presença chinesa na economia cubana. A China já é o segundo parceiro comercial de Cuba, logo atrás da Venezuela, a principal fornecedora de petróleo à ilha. As grandes empresas chinesas estão em Cuba. O Export-Import Bank of China concedeu créditos para compra de tratores e locomotivas de trem. A China Communications Construction Company Limited atua na modernização do porto de Santiago de Cuba. A China National Petroleum Corp investiu na ampliação da refinaria de petróleo da cidade de Cienfuegos. A gigante das comunicações Huawei firmou acordo para venda de celulares, implementação de internet banda larga e modernização dos sistemas de telecomunicações. Os refrigeradores e geladeiras nos lares cubanos são da marca chinesa Haier. As locadoras de carros cubanas oferecem os veículos da chinesa Geely. Os ônibus da Yutong, os mesmos que circulam em Beijing, modernizaram o transporte coletivo cubano e a indústria de turismo. E o primeiro voo direto entre Havana e Beijing, operado pela Air China, foi inaugurado em 2015. A estratégia chinesa com Cuba ainda é uma incógnita a ser decifrada, mas é evidente que para o gigante asiático importa a presença numa região estratégica, na maior ilha das Antilhas, localizada na entrada do Golfo do México e a 150 km da costa dos EUA.

Por fim, no plano político interno, a Revolução cubana enfrenta talvez seu maior desafio: realizar a transição de poder para geração política nascida após a queda do ditador Fulgencio Batista, em 1959. A eleição em Cuba, assim como nos EUA, é indireta. O parlamento cubano eleito recentemente elegerá o novo presente em 19 de abril deste ano. As discussões indicam que a renovação geracional não se limitará ao cargo presidencial e abrangerá todo o Conselho de Ministros, principal órgão executivo do país. Neste exato momento, os debates sobre os próximos rumos e desafios da Revolução tomam conta da ilha.



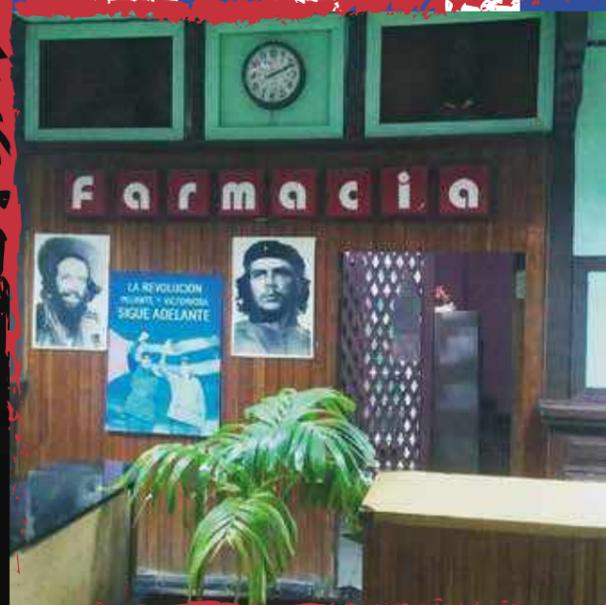
NOTAS:

¹A atualização econômica de Cuba consiste na implementação das diretrizes e projetos aprovados nos congressos do Partido Comunista. Dentre as medidas implementadas: a compra e venda de imóveis e automóveis entre cidadãos cubanos; a autorização do regime de propriedade de empresas totalmente estrangeira em investimentos específicos; a permissão para população cubana abrir pequenos negócios privados, na modalidade de trabalho por conta própria. Os projetos prioritários são a Zona Especial de Desenvolvimento (ZED) na região do porto de Mariel, o desenvolvimento do turismo e a comercialização de bens e serviços médicos.

²Sobre a obra do porto de Mariel, deve-se registrar que, até a presente data, o governo cubano está em dia com o banco brasileiro, realizando rigorosamente o pagamento das parcelas do financiamento contraído.

³O governo Trump acusou Cuba de não garantir a segurança o corpo diplomático norte-americano, o qual teria sofrido supostos "ataques acústicos", através da emissão de som numa frequência específica e capaz de causar lesões cognitivas. Cuba investigou as acusações e permitiu que autoridades dos EUA fizessem o mesmo. Não restou provado a existência dos supostos ataques.

VIVA CUBA



Imagens: <https://www.facebook.com/dicassobrecuba/>

"Antes de ir para o aeroporto, confira aqueles itens básicos para sua viagem a Cuba"

- ★ Passaporte;
- ★ carteira Internacional de Vacinação (febre amarela);
- ★ 30 dólares americanos para comprar o visto na conexão (custa 20, mas vai que sobe... levar trocadinho pois não dão troco);
- ★ euros para trocar por CUC em Cuba;
- ★ adaptador para tomadas em ||, modelo predominante na ilha."

CATARATAS

A Lenda em Gravura

Ilustrações: Ju Hickmann
Revisão textual: Felipe Hickmann



Há muito tempo, as margens do rio Iguaçu eram habitadas pelos índios caingangues. A tribo era liderada pelo cacique Igobi, pai de uma belíssima jovem chamada Naipi.



Todos temiam a Tupã, o deus supremo do mundo, e a seu filho M'Boi, o deus-serpente que habitava as profundezas do rio e que era venerado pelas graças que concedia aos caingangues.



Em retribuição pela generosidade de M'Boi, os índios tinham o costume de lhe oferecer as jovens mais belas da tribo. Dessa forma, seu povo podia contar com a proteção da divindade. As jovens índias eram privadas dos prazeres da vida na tribo e ofertadas em honra ao deus-serpente.



Um dia, o destino escolheu Naipi. Ao passear pelas margens do Iguaçu e espelhar-se graciosamente sobre as águas, Naipi atraiu os olhos de M'Boi. Ele a quis imediatamente. - É a mais bela entre todas! Eu a quero agora! Nenhuma outra senão Naipi.



Na noite da consagração de Naipi, todos os homens se dedicavam aos preparativos para o ritual. Entre eles estava Tarobá, o mais bravo guerreiro da tribo. Tarobá se apaixonou ao ver Naipi. Justo por Naipi, a prometida ao deus-serpente.

Não podendo viver separados, planejaram juntos uma fuga desesperada. Enquanto os caingangues festejavam, partiram os dois para longe, deixando para trás o destino que condenaria Naipi à consagração e Tarobá à solidão. Fugiram numa canoa que seguiu rio abaixo, furiosamente impelida pela correnteza.



Comandadas pelo desespero, as vigorosas remadas de Tarobá despertaram o deus-serpente. Ávido para conter os fugitivos, M'Boi fez tremer o leito do rio, agitando as águas e provocando ondas.



M'Boi emergiu então seu corpo gigante e mergulhou violentamente nas águas. Tamanho foi o impacto que a terra não resistiu e se partiu. O solo trepidou até que as rochas se romperam, produzindo fendas imensas por onde correram as águas. Nasceram assim as Cataratas do Iguaçu.



As águas agora descem em corredeira, com imenso vigor, no anseio de seguir seu caminho. Naipi transformou-se em rocha e permanece, desde então, às margens da queda d'água. Tarobá tornou-se uma palmeira à beira do rio, de onde contempla sua amada Naipi, condenado a jamais tocá-la. E o que aconteceu com M'Boi? O rancoroso deus-serpente ainda vive sob as águas. Das profundezas do rio, vigia eternamente os dois amantes.

TRAMAS URBANAS DE FRONTEIRA E O OLHAR DE FOTÓGRAFO

Na fronteira que ocupamos, as relações culturais são complexas. Ao andar pelas ruas do microcentro comercial de Ciudad del Este, nota-se rapidamente a peculiar configuração do espaço: lojas e galerias de um ou vários andares vendem todo tipo de produtos importados, convivem porta a porta com tendas feitas de concreto e aço e que vendem todo o tipo de coisas, desde DVDs falsificados até artesanatos regionais. No restaurante oriental em que a cozinheira é paraguaia, a televisão está sintonizada em um canal chinês e os clientes são cobrados em guarani; um funk brasileiro é ouvido logo após o *reggaeton*; os vendedores de chipa dividem espaço com os árabes que fazem *shawarma*; o logotipo das lojas mistura diversas línguas como árabe, mandarim, coreano, espanhol, guarani e português; a garrafa térmica personalizada com o nome do Paraguai e a cuia de tererê matam a sede do empacotador com traços indígenas, que trabalha o dia inteiro cuidando para não quebrar nenhuma garrafa de bebida importada da Escócia ou da África do Sul e, assim, poder comprar e pagar em dólar algum eletrônico desenhado nos Estados Unidos ou no Japão e montado na China.

A exposição fotográfica *Tramas Urbanas de Fronteira* apresenta fotografias capturadas nos arredores da Ponte Internacional da Amizade, na divisa entre Ciudad del Este e Foz do Iguaçu. Nela, o fotógrafo busca retratar as múltiplas identidades culturais que podem ser encontradas na complexidade das ruas e que dificilmente nos damos conta devido ao frenesi cotidiano que é andar e dirigir por elas. A elaboração da exposição durou três anos, dedicados a pesquisas e incursões na área. Foram tiradas quase mil fotografias e, ao final, foram selecionadas as 19 que se encontram na mostra. São ruas, monumentos, lojas, outdoors, pessoas, tempos, espaços e histórias da vida cotidiana e da memória regional.

O fotógrafo Guilherme Cardim cresceu na região de tríplice fronteira retratada na exposição. Na adolescência, conviveu em sala de aula com argentinos, brasileiros, chineses, coreanos, libaneses, paraguaios e turcos. Mais tarde, quando ingressou na Universidade Federal da Integração Latino-Americana para estudar Letras, Artes e Mediação Cultural, ele passou a conviver com jovens de todos os lugares da América Latina. Além disso, lá aprendeu que existem muitas culturas e que cada uma delas possui uma identidade(s) construída(s) ao longo do tempo. Pesquisando a região em que cresceu, Cardim passou a andar pelas ruas equipado com uma câmera fotográfica e capturando todos os espaços que fossem interessantes. Assim, descobriu que as discussões culturais vão além de uma ideia estática e imutável e se encontram com temas de fusão cultural, assimetrias sociais e globalização.

Por Guilherme Cardim



Por que Peabiru:

da publicação à mediação cultural latino-americana no e para além do território da fronteira trinacional

Geralmente quando os estudantes bolsistas iniciavam sua participação no projeto da Revista, eles vinham com a intenção e a certeza de que seu trabalho era apenas escrever. Mas nas primeiras conversas eles já compreendiam que se tratava de um processo que envolvia produção, captação de conteúdos, divulgação, distribuição, criação, diagramação e, sobretudo, mediação cultural. Quando criei a Peabiru, na verdade nem eu imaginava que ela resultaria nesta dinâmica tão complexa e, muito menos, que colocar em circulação a cultura latino-americana nos levaria a esse lugar-comum, que foi a constituição de um espaço de visibilidade para as resistências diversas de nosso continente. A Peabiru surgiu como uma revista multimídia e colaborativa sobre cultura latino-americana criada para pôr em circulação a diversidade de vozes e interpretações sobre a região.

Produzida desde o princípio como um projeto de extensão da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, a Revista teve como foco contribuir para a missão da Instituição, fortalecendo os processos de integração regional, além de evidenciar a cultura da região de fronteira onde a UNILA está inserida. Desenvolvida desde 2011, a Revista Peabiru já publicou mais de 20 edições e inseriu em suas páginas a colaboração de autorias dos mais diferentes países da América Latina, inscrevendo em suas publicações uma interpretação tecida por muitos olhares sobre o que significa a nossa





“Mais do que uma publicação, a Peabiru configurou-se como um espaço de visibilidade e ocupação para representatividades de minorias socioculturais latino-americanas.”

Michele Dacas

cultura. A variedade de conteúdos sobre a região encontrada na Revista revela um lugar-comum: **a cultura latino-americana como forma de resistência**. Textos, ilustrações e fotografias trazem a perspectiva dessa cultura como um campo de lutas e reivindicações de indígenas, negros, mulheres, trans, crianças, camponeses. Expressões tão fortes e singulares que ilustram a libertação dos corpos, dos lugares, das gentes e dos modos de ver e traduzir o mundo, tudo isso cultivando um eixo integracionista e latino-americano, tão urgente e atual.

Em sete anos de trabalho com a Revista, através da extensão universitária, constatamos que a Peabiru se tornou mais do que uma publicação, ela tornou-se uma estratégia de mediação cultural na qual múltiplas vozes e interpretações conectam-se pela construção dialógica da representação da cultura latino-americana. É uma mediação impulsionada pelo processo de produção e consumo da Revista, caracterizado por meio da ação colaborativa, das múltiplas autorias que constituem uma narrativa coletiva sobre o que é a cultura latino-americana em sua diversidade e da hibridização de formatos e linguagem midiática, que colocam em circulação o conteúdo da Revista. Mais do que uma publicação, a Peabiru configurou-se como um espaço de visibilidade e ocupação para representatividades de minorias socioculturais latino-americanas. Com a colaboratividade, veio a diversidade de temas e relatos de formas de resistência e a predominância em nossas páginas de representações dessas minorias. Isso possibilitou a concepção da nossa cultura por meio de uma abordagem dinâmica e de múltiplos pontos de vista e de narrativas concebidas desde a fronteira trinacional, ou de outros países e regiões do Brasil, sobre a cultura latino-americana.

Resumidamente, a Revista Peabiru surgiu com o objetivo de fazer circular a interculturalidade presente no dia a dia da UNILA, por conta da presença dos estudantes provenientes de diferentes regiões da América Latina e também pela mesma riqueza intercultural encontrada nas nacionalidades e povos que convivem na região da fronteira trinacional entre o Brasil, o Paraguai e a Argentina, localidade onde está situada a Universidade. Esses foram os principais pontos fundantes e a razão de ser do projeto da Revista, mas, à medida que ela foi sendo

desenvolvida, também ampliaram-se os seus objetivos, com o alcance de autores e leitores de distintas partes da América Latina e do Brasil.

O projeto da Revista, ao longo desses sete anos de existência, solidificou-se por meio de ações e produtos de comunicação colaborativa e multimídia. E à medida que isso acontecia, o escopo editorial temático era configurado como um lugar para abordar as diferentes falas que representam a cultura latino-americana, considerando a sua ampla contingência e o seu campo de disputa. A narrativa colaborativa é que demandou a visibilidade para conteúdo e vozes que ecoavam das minorias: principalmente mulheres, negros,

movimentos de periferias, povos originários e comunidade LGBT. A partir disso, o conjunto das 22 edições demonstrou que nós, como latino-americanos, nos encontrávamos na resistência, o lugar-comum de nossa cultura tão diversa.

Atentamos também para a questão da multiplicidade da forma, como parte central da construção de nossas narrativas, um aspecto pertinente na criação de uma linguagem acessível, bilíngue e híbrida, que mesclava idiomas e também texto, fotografia, vídeo e ilustração, além de diferentes suportes. A convergência midiática, como uma requisição infalível de nosso tempo – e por que não também da escassez de recursos –, fez com que desdobrásemos o conteúdo da publicação em blogs, sites, novas mídias, exposição de eventos, como o Varal Revista Ilustrada, e projeção audiovisual. Sem anular uma forma

ou outra, fomos somando, fragmentando, convergindo, experimentando. Nosso compromisso nunca foi a audiência, mas a criação, a composição da nossa cultura por nós, enquanto produtores, e pelo outro, como consumidor ávido por descoberta, ou ainda pelos autores colaborativos. Tudo isso foi se perpetuando cada vez mais em um conteúdo crítico, visual e reflexivo nas páginas do periódico, em suas versões impressa e on-line.

Transbordar a murada da UNILA também foi um desafio. Apesar de a Peabiru estar inserida no meio acadêmico e possuir ISSN, a Revista não é científica, como a maioria das publicações que surgem a partir das universidades públicas. O ISSN é um código numérico que valoriza as publicações do periódico colaborativo, porém a linguagem é que determina a especificidade ou ampliação da acessibilidade do conteúdo. Desse modo, buscamos, por meio da linguagem, tornar a Revista acessível, e isso não significou sucumbir em profundidade. O projeto é atualmente hospedado em duas plataformas de divulgação: a página web¹ e a fanpage² da Revista. A Peabiru é desenvolvida a partir da Universidade, por servidores técnico-administrativos da área de Comunicação Social, acadêmicos de diferentes cursos e docentes. A publicação também conta com a colaboração da comunidade, que contribui por meio de pautas, textos, fotografias e materiais autorais, como ilustrações e artigos, além de fazer circular o conteúdo da Revista. Outra fonte de apoio é o programa Mais Cultura nas Universidades, do governo federal.

Outro modo de o projeto se fazer presente foi através da ação já mencionada Varal Revista Ilustrada, uma exposição do acervo de edições e imagens da Peabiru em diferentes eventos e espaços públicos culturais e de ensino na cidade de Foz do Iguaçu.



Entre esses espaços estão a Feira Literária do Sesc, da qual já participamos há três anos; a Feira do Livro de Foz do Iguaçu; e o encontro Casa Tomada, do qual nossa equipe participou em setembro. Este último trata-se de um evento cultural da Clacso, realizado em Cuba, com a finalidade de promover o intercâmbio entre jovens gestores e produtores culturais de toda a América Latina.

A exposição fazia parte da expansão do projeto para outras linguagens, transportava a Revista para a presença física, para além das suas versões impressa e on-line, com as quais os leitores tinham contato. Com o Varal Revista Ilustrada, foi possível ocupar espaços públicos, interagir em eventos e até mesmo ir a Cuba, participar de um importante encontro de jovens realizadores da cultura na América Latina. Esse foi um dos momentos mais significativos de nossa trajetória, pois estivemos em contato com um universo de criadores totalmente novo e, ao mesmo tempo, era como se estivéssemos entre velhos conhecidos, pois todos buscavam os caminhos da cultura latino-americana a passos de resistência, assim como nós, em sete anos de projeto. Viajamos por semanas, compartilhamos, entrevistamos e captamos conteúdos para esta última edição impressa sob o comando da nossa equipe. Edição esta que traz em sua capa o grafite produzido por Mônica Miros, o texto sobre a poesia e o hibridismo da linguagem que renasce na fronteira entre México e Estados Unidos, escrito por Cynthia Franco. Traz ainda fotografias de Havana, um relato sobre a passagem do Furacão Irma e um texto sobre as mulheres na história de Cuba.

Durante os anos do projeto, participaram estudantes de diferentes áreas: Relações Internacionais, Desenvolvimento Rural, Letras, História, Cinema, Antropologia, Arquitetura, entre outras perspectivas que contribuíram de diferentes formas para o projeto e consigo levaram experiências transversais ao campo da comunicação, enriquecendo a sua formação.

Como o próprio nome da Revista sugere, Peabiru é o antigo caminho de integração entre os Incas e as demais civilizações indígenas localizadas na América do Sul. A cultura latino-americana também é um percurso inacabado, como nos diz Canclini (2009). É resignificada constantemente pela interação entre os diversos povos e também em relação aos sistemas de dominação. E é esta interação, e a cultura como processo, que a cada ano traduzimos nas páginas da Revista, tornando a Peabiru não apenas em um espaço de visibilidade, mas também de construção da nossa própria cultura, em que nossas diferenças e semelhanças se encontram.

Ao longo do processo, observamos que o lugar-comum que converge a cultura latino-americana é a resistência e, por essa razão, à medida que ampliamos a rede de colaboração da Revista, cada vez mais as minorias socioculturais adquiriram voz em nossas páginas. O processo de colaboração da Peabiru abriu espaço para que as pessoas participassem e compartilhassem suas próprias histórias. A Revista não se sustentou sem a participação da comunidade na construção de matérias, coberturas e textos.

A colaboração foi uma das formas com que a Peabiru conseguiu efetivar os objetivos da Extensão e contribuir para romper as bordas da Universidade, com a circulação e produção de conteúdo conjunto. Nos sete anos de atuação, a proposta visou promover um novo olhar a respeito dos mecanismos de comunicação, contribuindo para a articulação entre os saberes técnicos e científicos e os saberes populares e tradicionais, todos determinados pelas diversas experiências culturais.

¹revistapeabiru.wix.com/revistapeabiru

²www.facebook.com/revistapeabiru/

Agradecimento a todos que fizeram parte da equipe em sete anos de projeto e escreveram as páginas deste caminho:

Andrea Montano Lourtet, Anitta Delvalle, Cynthia Quitoran, Daniela Galli, Débora Cota, Danto Giardina, Diana Canales, Diego Silva, Ediane Hirle, Franciani Pires, Jaqueline Azevedo, Jacqueline Bohn Couto, Letícia Raiane Schranck, Mayara Gomes, Natali Hoff, Rafael Maier, Renan Xavier, Rolando Llanque, Sigrid Beatriz Varanis Ortega, Silvana Mamani.

Autora: Michele Dacas, Relações Públicas da Secretaria de Comunicação da UNILA e doutora em Comunicação pela UFMG.

Imagens: banco de imagens da Revista Peabiru.

